

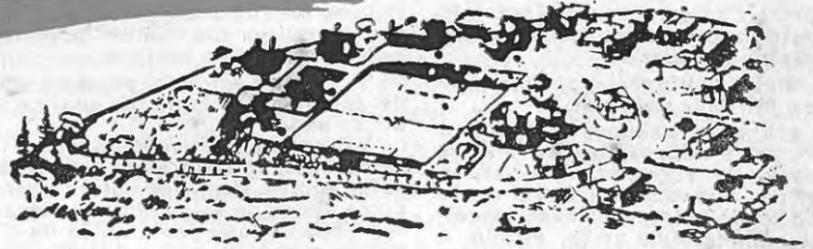
Redacção, Administração e Proprietária
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete
Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Director e Editor
PADRE AMÉRICO
Vales do Correio para CBTE

AVENÇA



Gaiato



Visado pelo
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO VIII—N.º 183
PREÇO 1\$00

ARTIGO DO FUNDO

UM dos nossos rapazes do Lar do Porto, aonde ontem estive, contou-me de como fora a visita ao seu Pobre. Por palavras suas, ele informa que o dia era de chuva rigorosa. Que ao entrar a porta, quedou a ver o gesto e ouvir as palavras de três crianças, em redor de sua mãe, e que estas lhe pediam pão. *O mãe, dê-me pão.* O rapaz, ficou por uns minutos suspenso naquela prece. A mãe estava numa enxerga, doente. *Eles estavam todos com as mãos na cara dela,* prossegue o meu informador. E nós, mesmo a distância compreendemos todos, sem nada ter visto nem ouvido, qual não era a pena da mãe! Chovia muito. Era inverno rigoroso. Nos olhos do meu informador, as lágrimas queriam saltar; e saltaram, quando ele me disse da resposta que a mãe dera aos seus pequeninos famintos: *espera meu filho.*

O verbo esperar é transitivo; pede um complemento. A mãe, que não sabe gramática, emprega o verbo e espera naturalmente o seu complemento. É como se dissesse: *espera, meu filho.* Espera que venha um rapaz da Casa do Gaiato trazer aqui o teu pão. E o rapaz da Casa do Gaiato apresenta-se! Este fervoroso visitador, anda-

va de sacã na mão pelos caminhos fora, quando era pequenino, na companhia de um seu irmão. O irmão é que pedia e ele guardava. Ele conhece a enxerga. Conhece a fome. Por isso as lágrimas lhe saltam e procura remediar. Todas as semanas no dia e hora que mais jeito lhe dá, vai ele rua abaixo agradecendo a Deus a sorte que lhe coube e saboreando a palavra eterna—*é mais feliz quem dá.* Ele sabe que assim é, porque foi pedinte dos caminhos. Hoje dá. Dá a esta família que socorre, dá a cem mil leitores d'esta notícia, confirma a Realeza de Cristo. *Espera meu filho.*

Vamos que este rapaz, por ter sido um dos de perigo moral; vamos que ele, digo—tivesse sido posto ao serviço de uma das variadas casas de assistência pública, em vez de ser conduzido aqui. Não falava. Não escolhia. Não era senhor do seu nariz. O mundo não se regosijava ao saber salva, a ovelhinha que andava perdida; e não dava glória a Deus, porque não tinha de quê. Assim não. O Evangelho é torrente. Basta um cheirinho dele para inebriar. Quem é que o diz? A contradição da Obra da Rua.



Ei-los no que é seu; o porteiro e um seu compadre. O Manuel Risonho, foi há dias substituído pelo Dita de Oliveira d'Aze-meis, no lugar de porteiro.

Não que Risonho tivesse faltas, mas sim por ter crescido e hoje estar em condições de outra obrigação. Ficou apenas com o encargo de fechar a porta às 9 horas da noite, isto porque o Dita tem medo. Risonho, veio ontem ter comigo; olhe que eu tenho sido seu amigo. É sempre assim; quando me quer pedir alguma coisa, antes faz-me festas; tenho sido bem seu amigo. *Que queria ele?* Uma lanterna para ir fechar o portão; ande que faz muito escuro. *Arranja um lampeão,* lhe disse eu.

QUANDO foi do princípio das construções em Paço de Sousa, só carpinteiros eram um ror. Entre eles, como aprendiz, andava um dos nossos rapazes, que mostrava ter realmente nascido para aquele ofício. Os artistas observavam e começaram por lhe dizer que se fosse embora, pois que em qualquer parte já podia ganhar dinheiro e aqui não. O rapaz acreditou e um dia veio dar-me a notícia; *eu quero-me ir embora.* Foi-se embora. Volvidos tempos, vem ter comigo a pedir-me para ficar; *eu estou muito arrependido.* Teria então uns 16 anos de idade. Testa rasgada, ar inteligente; embora sem exame, facilmente se habilitaria. *Deixe-me ficar.* Poderia perguntar, na maré, qual tinha sido, de entre os carpinteiros, o que lhe dera o conselho; poderia, sim, mas achei melhor ficar na ignorância. Fixei o rapaz e disse que não. *Não podes ficar.* O mal aconselhado permanece de pé e silencioso. Os seus olhos começam a humedecer-se... Que lhe iria na alma, para ter resistido às insinuações de homens da sua igualha—*vai-te embora que lá fora ganhas.* Quem lhe deu agora a fortaleza no pedir, a pontos de se lançar de joelhos aos meus pés, *deixe-me ficar,* quem? *O vento sopra aonde quer.* Eu acredito na acção imediata do Espírito Santo. O rapaz foi pegar na sua ferramenta. Ficou. Não sei o que pensam hoje os seus conselheiros. Isto foi há uns seis anos. Com o andar dos tempos, o grosso das obras terminou. Entretantes, o rapaz esteve na construção civil do Porto, com um mestre. Esteve em Gondomar, com outro mestre; e hoje é mestre. E' o mestre das oficinas de carpinteiro da Casa do Gaiato. Tem o salário da tabela. Tem as garantias sociais.

DOCTRINA

Pode tomar e fazer empreitadas. E' novo. E' saudável. E' alegre. Orienta e ensina os nossos carpinteiros que o tratam fraternalmente por António; *O António.* Sabe que tem aqui os seus dias. O problema do trabalho que se põe hoje a tanta gente e, possivelmente, aos seus conselheiros,—esse problema ele não o conhece. E sem dizer nada a ninguém, mas sentindo como os outros, este jovem, mestre de carpinteiros, muito há-de ter gostado da notícia do nosso Bairro, como vinha no pretérito jornal. E é ele que o vai fazer. De onde se vê que este mancebo se não enganou, humilhando-se até ao chão para merecer. Nem a obra o enganou a ele. Ela é mãe que não madrasta.

Demos de barato que carpinteiros tenham aconselhado; são carpinteiros. Mas outros dos nossos escolhidos, têm sido avisados da mesma sorte por homens de categoria! Quando uma obra desta natureza vai de encontro e mexe nos fundamentos de outras congeneres, é difícil de compreender. Levanta-se naturalmente o mundo de descrentes a dizer que não.

A ansia dos conselheiros é uma só, qualquer que seja a sua posição. E' uma só—*lá fora ganhas mais e podes fazer fortuna.* Isto faz-me pena; tenho pena que um mundo de olhos abertos ande enganado e procure viver de enganos.

Eu gostava que me dissessem, mãos na consciencia, o que valem e a quem aproveitam as chamadas grandes fortunas; se não são elas, em regra, a causa das grandes misérias; se a tendencia de hoje em limitá-las, não é um sinal da sua caducidade—gostava que me dissessem. *Vai-te embora que lá fora podes fazer fortuna.* A voz do povo nem sempre é a voz de Deus.

Mas eu acredito na acção directa e imediata do Espírito Santo, sobre as almas de boa vontade. Na Obra da Rua, está empenhado o Sangue do Redentor. Os aconselhados resistem e tomam posição dentro dos seus muros. Eles estão realmente para fazer grandes fortunas; já estão fazendo. Quantas almas não vibram hoje, de contentamento, pelo produto da sua iniciativa, quantas? Quantas mães não desejariam por filhos, estes Raros que a Obra tem perfilhado, eles, que as não têm,—quantas?

De onde vem a ternura dos nossos leitores senão somente da fortuna que eles já estão espalhando! *Sai d'aí, que lá fora podes fazer fortuna.*

Tivessemos nós mercenários à frente de todas as actividades, quem fazia caso? Quem nos visitava? Quem nos amaria? Ninguém! Eramos mais uma Obra; mais uma entre tantas. E são os Raros que a distinguem; que enchem os corações; que fazem d'ela a Única. São eles.

Falam os cronistas de Lisboa

UMA NOVA ESTRELA

A primeira Conferencia das Casas do Gaiato nasceu como Jesus numa mangedeira de animais.

Foi num domingo, 4 de Junho de 1944, em Miranda do Corvo.

Um grupo de gaiatos tinha ido a passeio, pelos campos fora, até à serra da Lousã. De regresso, um deles, ao passar por um velho estábulo, ouviu gemer. Levado pela curiosidade, espreitou pelas fendas dum velho portão e viu que os gemidos saíam dum vulto deitado numa mangedeira. Chamou pelos companheiros que entraram de roldão pelo estábulo dentro.

Era um velhinho que, entre suspiros, lhes disse que tinha fome e muitas dores numa perna, que os filhos, de pobres também que eram, não lhe podiam valer, que costumava andar de porta em porta, mas que agora as pernas já não aguentavam.

Retirou uma serapilheira com que estava envolvido e mostrou um trapo imundo ensopado em pus, a cobrir uma chaga enorme. Diz o cronista da-quele tempo que a ferida varava a perna de lado a lado e que, como penso, o velhinho usava folhas de videira.

Aquela ferida abriu outra ferida no coração dos rapazes.

Logo uns poucos se propuseram vir todos, os dias trazer um caldito. E assim fizeram. No mesmo cesto vinham também remédios e ligaduras. Não faltavam palavras de carinho.

Desta maneira nasceu a primeira Conferencia.

Com um natal tão parecido com o de Jesus, a Conferencia não podia ter outra vida que não fosse a de Cristo: passar fazendo o bem.

A Conferencia de Miranda progrediu e quando alguns rapazes dali saíram para o Lar do Porto, levaram com eles a chama que na alma se lhes tinha acendido.

Do Porto transitou para Paço de Sousa, e, de lá e de Miranda com os fundadores desta Casa, veio a mesma chama que se vai ateando aqui no Tojal. Tão viva ficou nos Rapazes o amor pelos pobres de Miranda, que nenhum deles lá volta sem visitar o «pobrezinho das Meãs, a tia Maria tecedeira do Carapinhal e o Pobre da Estação».

Aqui no Tojal a tarefa é mais difícil e por isso mesmo mais meritória. Estamos num meio hostil a tudo o que cheira a religião. Ainda neste último carnaval, um grupo de valentes fez um boneco de palha com uma cruz às costas a fingir Cristo a caminho do Calvário e com grande acompanhamento foram queimá-lo diante do cemitério. Isto no tempo da Concordata, dum Governo forte e nas barbas da Autoridade. Para com o seu semelhante, os sentimentos são idênticos. Um dos confrades foi há dias levar a esmola a um pobre que não tem onde cair morto.

Não estava na altura. Pediu à mãe do mesmo que lhe entregasse. Respondeu que se não dava com o filho. Quis deixá-la a uma vizinha. Respondeu a mesma coisa. Procurou uma terceira e a resposta foi idêntica.

Doutra vez o mesmo confrade foi abordado por uma mulher que lhe chamou todos os nomes. Porquê?

—«Vocês deram pelo Natal para aí esmolas que foi uma calamidade e a mim não me deram nada!»

—De quem são esses perús que anda a guardar?

—São meus!

—Então a senhora tem aqui, só em perús, quase dois contos e diz que é pobre!...

Não temos outro meio para humanizar os costumes senão fazendo o bem. Os rapazes compreenderam-no e por isso fazem o mais que podem. A sua persistência é o espanto de muitos.

Ainda há pouco se meteram todos no nosso carro e foram a Alhandra tomar parte no Conselho Particular. Um deles falou.

Ninguém cabe em si de espanto!

Quando a Mocidade se apaixona por um ideal, não há nada que possa conter os seus ímpetos. Não sabemos doutro ideal mais alto do que este: amor de Deus e do próximo.

A lição que eles dão é para todos. Se

rapazes da rua conseguem fazer tanto bem, porque o não hão-de fazer todos os homens de boa vontade?

A lição de amor do próximo temos de juntar o exemplo de abnegação e até de audácia.

Vários se têm privado do pão e até de refeições inteiras, para as distribuir pelos pobres. Um deles obteve o perdão duma dívida de dois contos que uma pobre tinha às costas pela renda da casa, e já há muito que está na aspiração de todos, construir um bairro para os seus pobres.

Ao Presépio correram reis e pastores. Todos deixaram marcada a sua passagem. Muitos têm vindo também ao encontro desta nova estrela. Ninguém se arrependeu de a ter seguido.

PADRE ADRIANO

○ Vicentino é um sofredor. Tem de ser um sofredor! Ou então... não passa de mero recoveiro de esmolal. Ele sofre a impotência de dar remédio total ao mal do pobre que lhe foi confiado. Sofre por ver o pobre tão mergulhado na miséria, que às vezes, já nem tem a aspiração de melhorar. Sofre por o saber vítima de especuladores sem escrúpulos, que, embora à custa de sangue, são a nunca porta que se lhe abre no momento das maiores aflições. Sofre, porque sendo cristão e vendo no pobre um irmão diante do Pai Celeste, não encontra nele, tantas vezes, mais do que um triste ser bestializado. Porque sabe que em tais condições físicas ele não pode elevar-se à dignidade própria duma alma que não morre.

E' o discípulo de S. Vicente de Paulo, dando o que possui e lhe dão, realizando o que o seu engenho, fecundo pelo amor de Deus, lhe inspira, ao contemplar a fraqueza das suas soluções, ele, que foi despertado pela dor alheia, continua sofrendo e não se vê poder mais ou melhor do que sofre.

Lembro-me daquela mulher que dormia com três filhas, numa retrete velha, de telhado roto e pouco mais de um metro quadrado de superfície. O colchão era dobrado ao meio para caber e elas dormiam com as pernas ao alto, encostadas à parede, que outro lugar não restava. Quando chovia, chovia lá dentro. E lá dentro mesmo, uma das pequenas, doente da hexiga, mantinha progressivo pela noite em fora, o grau da humidade.

Apesar deste viver, quando para a mais velha das filhas se procurou uma saída que, em todos os sentidos, melhorava a situação, esta preferiu o rei-sem-roque em que vivia, ao caminho ordenado e humano que se lhe apontava.

Mais tarde, esta família mudou para um ex-curral de porcos.

A mãe, única que conservava uns restos de reacção à animalidade em que se viram, lhe vi os olhos brilharem, ao falar do seu «palácio».

E a triste verdade é que ela tinha alguma razão!

Ou então recordo aquela gente, que tirada dum bairro de lata para outro de casas modestas mas decentes, encheu os quintalitos de barracas, que muitos usaram de preferencia às próprias casas.

E ainda o caso daquela mulherzinha, outrora remediada e hoje, por doenças e contratempos vários, reduzida à mais extrema penúria.

Na iminencia de ser mandada embora da casita onde morava e não

NÓS costumamos assossiar-nos às Conferencias de Vila Franca de Xira e Alhandra por serem as mais próximas.

As reuniões fazem-se habitualmente na Fábrica de Cimento Tejo. Foi lá que um dos nossos confrades leu este relatório que entusiasmou todos os assistentes por sermos os mais pequenos de todos.

RELATORIO

Cá estão de novo os frangos a cantar. Era uma hora quando recebemos a notícia desta reunião. Não estava presente o secretário, mas, mesmo sem ele redigimos á pressa esta exposição que queríamos levar ao conhecimento dos nossos confrades.

Começamos por dizer o que já hoje fizemos: ontem uma brigada do Ministério da Economia trouxe-nos 2 carneiros mortos, comemos e repartimos pelos nossos pobres uns sete quilos, conjuntamente levamos a esmola do Natal. Conistou de: 4 cober-

O TEOR DO VICENTINO

conseguindo empréstimo do Instituto de Defesa da Família, teve de recorrer aquelas «caixas» anónimas que cobram o juro de 5 por cento à semana. Quer dizer: num ano o devedor paga mais de duas vezes e meia a dívida... e continua a dever!

A esta mulher, depois de muitos meses ter pago o juro, foi lhe dito que não tivesse escrúpulo, que a dívida estava paga e repaga. «Ai não disse ela—isso não! Eu é que lá fui pedir; sujeitei-me às condições; e se não fossem eles, não sei que seria de mim»...

E a verdade, a triste verdade, é que foi naquela «caixa», no momento desesperado, que a pobre encontrou o auxílio que mais ninguém lhe deu. Por isso, reconhecendo o facto e prevendo o futuro, é a própria explorada quem defende os sugadores!

A dita «caixa» é um crime, sim, que as instituições aprovam com a sua ineficácia; é um crime de que todos somos cúmplices e para o fim do qual nem sempre as diligencias se vêm bem orientadas.

Portanto, o Vicentino, pobre de recursos e de influencia quase sempre, está destinado a sofrer os males que se vê e não tem na sua mão curar.

Mas justamente, porque é cristão e cre' na Comunhão dos Santos, ele sabe que essa angustia é o maior bem que entrega ao seu pobre. Comunicar com ele nos seus sofrimentos e nas suas consolações (Os pobres são tão pouco exigentes! Qualquer coisa os satisfaz!), servi-lo; dar-lhe uma palavra de conformação; ajudá-lo a subir ao nível de humano; semear a Esperança na sua alma; ensinar-lhe a certeza da Misericórdia e Justiça de Deus; interessar-lhe; viver um pouco da vida dele—é a aspiração e o programa do visitador de Pobres.

Pouco a pouco ele irá conquistando o seu visitado; ir-se-á tornando para ele numa necessidade. E, conquistado também ele próprio e apoiado em Deus, na oração, no oferecimento em favor do pobre das dores dele que toma sobre si, o confrade de S. Vicente de Paulo não é o remendo de pano novo em pano velho, como o julgam os que, negando as realidades espirituais, quedam de braços caídos. Ele é o irmão doutro irmão; é o realizador do pensamento do Divino mestre; é o que se dá a confortar as mágoas que Deus permite e cujo porquê nos não pertence

A NOSSA CONFERENCIA

tores, 1 chaile, uns sapatos no total de 675\$00, e ainda mais em dinheiro 330\$00.

Os confrades querem saber com certeza donde veio este dinheiro. Foi duma jóia que uma senhora de Lisboa nos deu, que conseguimos vender por um conto e cinquenta escudos. Essa senhora tinha conhecimento da nossa conferencia por intermédio do nosso jornal "O GAIATO", e quis assim contribuir para a felicidade dos nossos pobres. Que Deus lhe pague.

Outro facto interessante foi a ajuda que demos a uma pobre que estava em risco de ir para a rua com o filho, por não ter dinheiro para pagar a renda da casa. Já devia a renda de 3 anos no total de mais de 2.500\$00. O nosso presidente foi falar com o senhorio e conseguiu que ele lhe perdoasse a renda de dois anos, ficando a conferencia responsável pela renda deste ano que é de 420\$00; com o auxílio dumas senhoras conseguimos obter, por subscrição 416\$50, e assim se salvou a nossa pobre, duma grande aflicção.

Temos feito as nossas reuniões todos os domingos à noite. Numa destas últimas vezes, tivemos a honra de sermos acompanhados pelo Sr. Dr. Luís Chaves que os confrades conhecem. Tinha vindo visitar a Casa um grupo de rapazes e professores da Escola Académica, todos assistiram à nossa reunião e levaram boa impressão da nossa conferencia. Numa das suas palestras na Emissora, o Sr. Dr. Luís Chaves falou nisso. Todas as nossas casas têm a sua conferencia e o jornal de O "GAIATO" tem dito o que faz cada uma delas. Os 25 mil assinantes muito se alegam com essas notícias e vão-nos ajudando com as suas esmolal. Ainda há pouco o Sr. Presidente do Conselho Central do Porto nos pediu que todos os numeros de "O GAIATO" falassem das nossas conferencias, pelo bem que estão a fazer. Ainda não fechamos as contas deste ano mas já devemos ter gasto mais de 3 contos!... Se rapazes da rua podem assim ajudar os seus irmãos não há nenhuma conferencia que não possa fazer o mesmo e muito mais ainda. Tenho dito.

P. S.— Já estão feitas as nossas contas. Para não massarmos os nossos leitores damos apenas um resumo delas.

Até ao presente demos aos nossos pobres mais de dez contos. Um no resto do primeiro ano; quatro no segundo e cinco no terceiro. Há uma das nossas Pobres que fica sempre a chorar de alegria, admirada como podemos levar-lhe um auxílio tão grande. Mas Deus é grande...

Carlos Alberto Lopes

conhecer; é o soldado, não da filantropia ou da benemerência, mas da Caridade, virtude composta de virtudes, que se define com a palavra Amor.

CARLOS GALAMBA

Carlos Galamba é o nome do Levita, que trocou pelo diploma de engenheiro a carta de Padre da Rua.

Tudo abandonei e perdi para ganhar a Cristo, — disse S. Paulo aos do seu tempo.

TRIBUNA DE COIMBRA

LAR DO PORTO

FELIZ a ideia de dedicar o número especial de «O Gaiato» às conferências de S. Vicente de Paulo. Almas andadas de bem fazer! Paixão pela caridade! Grandezas escondidas que alumiam a escuridão!

O homem é o tesouro do Evangelho e quem o descobre, encontra a felicidade. O homem é o relicário da Trindade três vezes Santa, a imagem de Deus. De joelhos e adoremos Deus em nós.

Vinde benditos de meu Pai possuir o reino que vos está preparado desde o princípio. Tive fome e deste-me de comer; tive sede e deste-me de beber; era hóspede e recebeste-me; estava nu e vestiste-me; estava preso e foste-me ver. E os justos disseram-me: Senhor, quando é que isso aconteceu? E o Senhor respondeu-lhes: quando o fizestes ao mais pequeno dos meus irmãos.

E quem são os mais pequenos dos irmãos do Mestre? E quem são os benditos do Pai?

Vamos ver a vida de Frederico Ozanam. Vamos penetrar bem dentro da alma de cada um dos Vicentinos. Acompanhem os passos, por vezes dolorosos, dos actuais apóstolos da Caridade. De mãos juntas e corações ligados, seguraremos o tesouro do homem. A resposta está aqui.

As conferências de S. Vicente de Paulo!... Oh luz a alumiar as trevas da morte! Oh caudal de graças a penetrar no íntimo das consciências! Oh remédio eficaz para o cancro actual da sociedade! Oh bálsamo suave para sanar as feridas sangrentas dos que sofrem! As conferências são uma maneira actual do Evangelho e está tudo dito. E' o homem a abraçar o seu Deus no outro homem.

O fim das conferências não é primariamente socorrer materialmente o pobre; isso é o cartão. O fim primário é a santificação do protegido.

Que horas de elevação espiritual nós sentimos nas reuniões! Cada um a relatar a vida do seu pobre: as suas alegrias e as suas tristezas, os seus problemas e as suas dificuldades. Os interesses de um são os interesses do outro: chorar com os que choram, rir com os que riem.

Que mar imenso de bem as Conferências têm feito nas nossas Casas! Que sentimentos profundos por meio delas têm calado no íntimo dos nossos rapazes! Eles os enjeitados, os abandonados, os da rua. Hoje socorridos, vão socorrer; libertos, vão libertar; felizes vão comunicar a sua felicidade. Que estímulo para eles a lembrar-lhes o que já foram e o que seriam se não fosse o Novo Mandamento. E' o contacto com o divino. E' a chama a atear as almas.

Isto para os confrades. E o bem para os socorridos!

Quantas bênçãos nós ouvimos da boca dos pobres a cair sobre a cabeça dos benefactores. Nós calamo-nos e medilamos. Deus encontra-se não no meio do silêncio.

Graças a Deus que as Conferências já têm hoje uma vasta protecção.

Habitualmente em Coimbra quase todos os pobres são socorridos pelas Conferências. Os pobres bendizem, creem, esperam e amam. Embora as Conferências não remediem a miséria, pelo menos procuram reduzi-la só a pobreza. O mal não está na pobreza, está na miséria; não confundamos as duas coisas. Ainda que as Conferências não curem todas as feridas, procuram quanto possível suavizá-las. Façamos nós o que pudermos e Deus fará o resto.

Há muitas modas de sermos confrades, uns indo visitar, outros concorrendo para a visita; este dando o seu pequeno ou grande óbulo, aquele dispensando um pouco daquilo que necessita.

As Conferências das nossas Casas vivem daquilo que nos dão. Somos pobres e podemos dar pouco, mas ainda menos daríamos e teríamos se não fossem os nossos pobres.

Ouví os rumores dos últimos tempos! Roupinha deixada para essa tão simpática e tão cristã instituição por uma santa velhinha de 97 anos, falecida a 15 de Novembro do ano findo, tencida em vida de declarado ser de sua vontade que a sua roupa de vestir fosse entregue aos pobres do Snr. Padre Américo.

Pedimos orações para alívio de sua alma.

Colégio das Orfãs — Coimbra

Um testamento; um tesouro. A este tesouro não chegam nem a ferrugem, nem a traça e nem os ladrões. Ficou para os pobres e os pobres são os embaxadores de Deus. Já distribuí e

contei isto mesmo e vi muitas lágrimas de gratidão. Veio numa furgonele. Os nossos rapazes ficaram radiantes e foram a ver e não era nada para eles, mas era para os pobres nossos irmãos. Bendizei a fraternidade cristã! Deus há-de aliviar a alma daquela velhinha pela oração dos nós que a roupa foi cobrir. Eu acredito.

Mais vinte escudos dentro dum envelope num embrulho de camisolas que vieram, salvo erro, de Lisboa para os pobresinhos da Conferência. E cinquenta deles que os rapazes do Lar do Porto quiseram mandar para a Casa Mãe das Conferências. O bom filho a casa torna. E uma cama de ferro de Coimbra. Já consolou quem nunca a tinha visto. E feijão e azeite da mesma terra. E cinquenta para os pobres da «briosa». E vinte do tal senhor tripeiro que veio ao desafio, mas preferiu-nos. E muitas roupas usadas de Coimbra; e grão e figos e azeite da mesma; e ainda da falada.

Tudo isto é pouco, mas com a boa vontade e com a esperança de mais vai para a frente.

Quem não quiser ou não puder distribuir, mande para cá e nós faremos chegar as coisas ao seu destino.

Nós somos os mensageiros e podemos ser também os recoveiros.

Que este número especial de «O Gaiato» alumie muitas inteligências, mova muitas vontades, incendeie muitos corações e abraze muitas almas a favor desta nova Cruzada da Caridade.

Padre Horácio

LAR DE COIMBRA Por JOSÉ EDUARDO

DEPOIS da saída do Ernesto, nada mais foi dito desta casa. Espero, contudo, que não se tenham esquecido de nós. No caso de já estarmos esquecidos, tentaremos dar regularmente umas quantas notícias, para evitar novo esquecimento.

Para começar aí vão algumas.

Eleições — Sendo necessário escolher um rapaz para a difícil tarefa de chefe, resolveu-se fazer eleições. Há já muito tempo que se não faziam. A chefia era feita por rapazes que se renovavam todas as semanas, e, por último, todos os meses. Para acabar com este regimem de chefia, pouco proficuo, resolveu-se, então, escolher um só chefe.

Para isso, reuniram-se todos os rapazes e, no dia 30 de Janeiro, todos votaram. Antes disso, o Snr. Padre Horácio dirigiu algumas palavras aos rapazes, dizendo-lhes da difícil tarefa do eleito, e aconselhando-nos a que, em tudo, obedecêssemos ao chefe, e que, na medida do possível, o ajudássemos.

Estavam presentes 16 rapazes, mas só catorze votaram. Eram eleições livres. Portanto, cada um votava naquele que, a seu ver, reunisse algumas condições necessárias a seu cargo destes, numa casa destas. Não obstante serem 16 rapazes, só em 3 se votou. E' pena que não haja cá em casa mais ninguém capaz de preencher este cargo, mas é mesmo assim. Também não admira, visto que são todos novos os rapazes que actualmente ocupam esta casa.

O apuramento final foi o seguinte: Zé Eduardo, 7 votos; Carlos Alberto (Lisboa), 5 votos e Alfredo Serra, 2 votos, o que totaliza 14 votos.

Ficou, portanto, o Zé Eduardo como chefe. Depois, com o auxílio do Snr. Padre Horácio, o nosso chefe escolheu um substituto, cargo que recaiu sobre o Pinguinho.

Para, em certo modo, solenizar este acto, os rapazes tiveram o seu copo de vinho e sobremesa.

Conferência—Embora ainda não esteja oficialmente organizada, a

HOJE ao passarmos mais um aniversário do nosso jornal que tão pequeno é na sua estatura, mas que se torna gigante pela doutrina que encerra, sentimo-nos felizes por em tão pouco tempo conquistarmos a simpatia de tantos leitores. Anda já perto de trinta mil a tiragem. Muitos dos mesmos leitores têm o mesmo jornal duas e três vezes. Outros há que lêem-no, meditam-no e depois choram... Não admira! A sua missão é diferente de todos os outros. Não discute política, mas sim as necessidades daqueles que nada têm. A sua doutrina é eficaz. O nosso Famoso, como alguns leitores lhe chamam é o mensageiro singelo das tristezas e alegrias, que dia a dia passam debaixo das nossas telhas. E' por intermédio dele que eu vou desenrolar alguns pormenores do Lar do Porto. Aqui há tristezas e alegrias. Quase todos os rapazes andam entre os dezassete e vinte anos e cinco deles foram o mes passado dar os respectivos sinais para a tropa.

Quem acompanha a nossa Obra sabe que os Lares do Gaiato são a

continuação da mesma. Todo o rapaz que se encontre num lar tem oportunidades suficientes para pensar a sério no seu futuro. Começam pela disciplina. O que agora sabe cumprir, mais tarde sem querer, torna-se disciplinador. Isto é o que nos diz o Pai Américo e nós acreditamos. Temos em seguida os empregos. Todas as portas se abrem para receber um gaiato. E' pelo trabalho que um rapaz se torna homem e é também por ele que se evitam muitas quedas desastrosas. Portanto esta é uma das principais oportunidades que a Obra da Rua dá a cada rapaz: um emprego. No Lar do Porto estão vinte e cinco e cada um tem o seu. Uns são empregados do comércio, outros da industria e ainda funcionários públicos. Aqueles que à noite queiram frequentar as escolas comerciais ou industriais têm facilidade de o fazer. Isto é a Casa do Gaiato. Ela faz tudo o que pode e muitas vezes o impossível, só para levantar aquele que nada esperava a não ser a miséria.

Parece incrível a muitos senhores e senhoras que as Casas do Gaiato sejam chefiadas pelos próprios rapazes.

Nada é impossível na Obra da Rua. Desde Janeiro do ano passado que me encontro na chefia do Lar do Porto. O Pai Américo só cá vem uma vez por semana e às vezes passam-se os oito dias sem aparecer. A minha missão embora seja espinhosa não é difícil, porque a comunidade por si se faz chefiar. Quando algum descarrila é chamado a conta e em pleno tribunal recebe o respectivo castigo. Nem todos os réus vão a tribunal. Ainda há pouco tempo se deu um caso em que o réu não apareceu em público. Como de vez em quando passo pelos patrões de cada um, vim a saber que um não entregava o ordenado todo e chamei-o particularmente e expliquei-lhe o roubo que ele estava a fazer a si mesmo e contra a nossa casa. Expus-lhe os sacrifícios que o Pai Américo passa por nossa causa. E, bastou. O rapaz pensa na ferida que fez e começou a chorar. Este foi o seu castigo.

Todos os domingos fazemos uma reunião onde se discute o problema da Casa. Esta reunião começa por dez minutos de leitura dum livro apropriado para rapazes. Nesta sessão todos têm voz activa. Cada um pode expor o seu caso. Temos também as reuniões da nossa conferência de S. Vicente de Paulo. Estas são mais dolorosas. Em vez dos problemas da casa, surgem os dos nossos pobres. Quanto à parte cultural temos uma biblioteca com muitos livros e um rádio da marca «PHILCO». Este de vez em quando leva os seus encontros, mas mesmo assim cá vai dando a sua música. O nosso grupo de futebol está bem apurado. Ainda não perdeu nenhuma vez. Estes são alguns dos promotores que eu posso descrever a respeito do Lar do Gaiato do Porto.

Tudo isto é a Casa do Gaiato.

CARLOS GONÇALVES

de se lembrarem de nós. Também temos falta de meias para calçarmos. Se houver alguém que se lembre de nós...

O Snr. Padre Horácio nomeou alguns dos nossos rapazes para o serviço do campo. Já cavamos a nossa terra na parte de cima do moinho, uma ao pé da estremeira e outra onde eram as capoeiras antigamente; todas para batatas. Também temos algumas terras com aveia semeada.

JOÃO A. ALVA

MIRANDA DO CORVO

Na nossa conferência temos dez pobres: quatro no Corvo, três nas Miãs, um no Montoiro, um na Estação e um na Ribeira. Todos são muito pobres. Os dirigentes da nossa Conferência são os seguintes: Acílio Fernandes dos Santos, Presidente; João António A. Domingues, Secretário; e Manuel Ferreira, Tesoureiro. Todos os domingos vamos visitar os pobres e levamos-lhes batatas, pão e alguma roupa já usada que nos dão e que não nos faz falta. Mas tenho a dizer que foi aqui que nasceu a Conferência das Casas do Gaiato, e é a que está mais pobre. Por isso parece mal que a Casa Mãe esteja tão pobre e as filhas tão ricas a este respeito. Portanto venho pedir aos nossos queridos leitores que se lembrem da nossa Conferência assim como da nossa casa que é a Mãe e de todas a mais pobre.

Caros leitores a Páscoa está à porta e os nossos rapazes estão desejosos pelas amendoas. Por isso pediamos o favor

NOTA DA QUINZENA

A Procissão da tipografia, acaba de recolher. Andou na rua dois anos e não fez mal a ninguém. Falou verdade. Ela era a verdade. A ansia de todo e qualquer mortal, deveria ser o procurar e aceitar a verdade. Dito do indivíduo, dito das gentes e das nações. Deus é a verdade.

A nossa procissão foi avante. Quem quizer ir ver o livro do fornecedor das máquinas, ali verá, no seu haver, o dinheiro que se recebeu; e nos mesmos livros há linhas em branco, para escrever, a seu tempo, os cento e tal contos que nós, da própria tipografia, havemos de dar. Sim, porque também nós, compositores e impressores e encadernadores e os mais dos escritórios; também nós, digo, por termos sido os últimos, não somos os mais pequenos da formosa procissão.

E agora, — outra Procissão. Casas para pobres! Não falo do

Bairro de residencias para os nossos Raros que se entregaram à Obra; não falo. Isso é uma obrigação; não se pede nada a ninguém. Há-de haver outras fontes, de onde proceda o necessário para erguer o Bairro. No caso de residencias para Pobres, há a devoção.

Eu tenho os meus anos contados e sinto que nada fiz no mundo, se não deixar uma casa que venha a servir de abrigo aos que nada têm. Será um sufrágio vivo e permanente, pela minha alma. É a palavra de um morto.

Já tenho o terreno; uma nesga que dá para seis pequeninas residencias. Já tenho o risco. Dentro em breve, vamos começar. Não se vai, naturalmente, enriquecer o Pobre; nem ele quer. Então quê? Vai-se ao encontro da sua legítima e modesta aspiração — uma casa. Mas de que vale uma? Para que prestam mesmo as seis, quando há no mundo milhares sem casa? Ele

há um mundo de preguiçosos que assim falam e sentem. O senhor Comodismo exprime-se de muitas e variadas formas.

Mas a Caridade é solícita. Não faz calculos. Não se acautela. Não conhece a prudencia do século. Doi-lhe muito e muito a dor alheia. Eis.

Ora é nesta dor que eu peço. É nela e por ela que vamos construir.

As seis pequeninas vivendas, estão orçadas em uns 20 contos cada uma. Nada que destoe da vida e dos costumes do Pobre, mas tudo quanto é dado à vida e aos costumes de um ser humano.

Assim como na da Tipografia, também esta procissão está posta para fortuna de muitos. Nós queremos enriquecer o Mundo d'aquella verdadeira riqueza que anda perdida: amar; querer bem ao nosso Semelhante. Desejar-lhe o que desejaríamos para nós. Mas isto

eficazmente, constantemente até ao sacrificio, sendo necessário.

Abre a procissão uma servical do Hotel Liz. Dificilmente se encontraria pessoa mais qualificada.

*Sou uma servical do
Hotel Liz que
desejo ajudar os pobres
da minha devoção.
foi esta morada que me
derão mas não sei para
que nome se escreve.*

Esta é a vanguarda da nossa procissão.

BARREDO

A nota do nosso número especial, por vontade expressa dos próprios rapazes, é que ele, «O Gaiato», seja uma consagração total ao Pobre; à sua infinita resignação e capacidade de sofrer; ao lugar que lhe pertence no seio de uma Comunidade Cristã; ao valor eterno da sua amizade; ele, o Pobre, sujeito do primeiro mandamento; é por ele que se ama a Deus.

O Barredo não poderia faltar neste número de festa.

Julio foi comigo.

Não saí de casa com esse destino; ele ia tratar de negócios da tipografia. Porém, como quer que tivéssemos chegado à cidade um nadinha antes das duas horas, ele pede se me poderia acompanhar, e eu disse logo que sim.

O inverno ia rigoroso; todos quantos visitamos, estavam de cama. Ao entrar, eu recomendava ao rapaz que fechasse os olhos para ver... Ele não compreendia, mas depois sim. É preciso entrar, fazer pausa, fechar os olhos por um tempo e vislumbrar, depois de os abrir. No patamar de cada porta, à saída, Julio dizia-me: *veja como estas habitações são próprias da doença.* Isto é uma ironia dolorosa.

No final das nossas visitas, rua acima, o rapaz desenvolve: *mas afinal de contas a doença é transmitida pela própria casa aonde o doente mora.* Eu pasmo desta acuidade de um rapaz de 21 anos, que podia muito bem passar a vida, fazendo o mesmo que costumam fazer os outros da sua laia...

A doença é transmitida pela própria casa aonde o doente mora.

Mas isto é uma observação cheia de verdade. O bacile instala-se. É o senhorio. Venha quem vier, ele está. Os habitantes não o conhecem; não se defendem nem têm meios de o fazer. As vítimas sucedem-se; na cama aonde hoje um ficou, vejo amanhã um outro para também ficar... As coisas passam-se nesta trágica e mages-

tosa simplicidade, enquanto se procedem a sérios estudos, de como se há-de debelar o mal maior de Portugal. Eu cá sei como é, mesmo sem estudar: Casas. Casas. Casas.

Um dos nossos visitados daquela tarde, foi um caldeireiro. Homem que martelava o cobre e hoje não. Recebeu subsídios por nove meses, dos regulamentos sociais; tanto tempo, quanto andou no seio de sua mãe. Agora não. Acolá chegou; aqui falta.

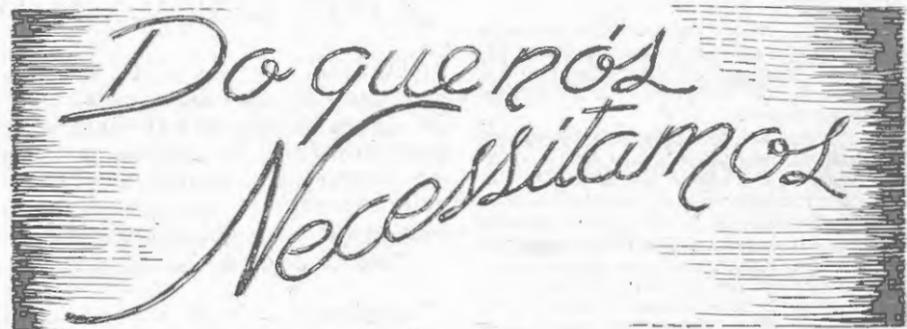
Ao pé do doente gravitam filhos. A mãe faz milagres para governar a casa. Era inverno rigoroso.

Despedimo-nos. Julio seguiu para a sua vida e eu fui para outros bairros pobres, que é a minha. Ia triste pelo que vira e ouvira. Gostaria que a sociedade oferecesse melhor defesa aos seus membros. Mas eu espero. Eu tenho confiança. Eu não desejo supor nem posso acreditar que um dos meus filhos, que tanto acarinho, venha a encontrar no futuro a Madrastra. Não devo acreditar.

O NOSSO LIVRO

Eu ando aqui contente que nem um pardal na eira; é o caso de o Julio me ir comprar um rádio de mesa quando chegarmos ao fim da venda e correndo como tem sido até hoje. Deu-me ele há dias esta agradável notícia, depois de me ter ouvido a queixa de não ter e gostar de um d'aquelles aparelhos: *Deixe que eu hei-de comprar-lhe um. Há-de ser pequenino como o do Sejaquim.* Ora é mesmo assim que eu pretendo; pequenino. Quando chegar a altura, eu peço ó António carpinteiro que me faça uma caixa pequenina e peço ó Armandinho torneiro que me faça uma chave pequenina e forte, e d'esta guisa já as moscas lhe não pousam e posso-me deleitar. Assim o livro ande. Acaba de me informar o Piohlo que nesta data, já dobrou a casa dos três mil, o número de inscrições.

Por outro lado não tem havido dia nenhum que não nos traga mais pedidos.



Os devotos da extinta procissão, por não saberem que ela já recolheu, têm continuado; eu podia inserir aqui um mundo de nomes com seus donativos. Que asombro!

Quem começou e continuou a procissão? Quem iria até ao fim, se eu a não tivesse recolhido? Quatrocentos contos de quem? Da Igreja não. Do Estado não. Dos grandes não senhor. Então quê? Quatrocentos contos! *É pouco mas quem os dá é um pobre operário com 5 pessoas a seu cargo e com um filho à pouca de regresso do Sanatório de Gaia e outra desempregada; e manda 20\$00!* Ora aqui está.

Mais esta carta:

«Um colega impossibilitado da actividade e que vai tendo o pão nosso quotidiano e a roupa para se defender do rigoroso frio, ao ler o Gaiato, que na sua custosa e forçada soledade, espera sempre ansioso a vinda do referido jornal, entende que, embora pobre, porque tem pouco, mas rico porque não criou necessidades e sente-se feliz se o Senhor lhe der até ao fim o indispensável e, no fim o Céu, deve oferecer 100\$00, que vão juntos».

Boa doutrina. Não criou necessidades, por isso pode acudir às

Eles nascem! Pessoa que receba, passa palavra ao visinho e este faz na mesma...

Ando satisfeito. Tenho música no meu gabinete de trabalho.

necessidades. Mais 20\$00 de Lisboa, por uma intenção muito especial. Fiquem descansados o admirador da Obra; o Presidente entregou os 400\$00. Que descansem, igualmente, todos quantos entregam; eles entregam. Mais 100\$00 deixados no Lar do Porto. Mais 100\$00 por uma netinha que há dias nasceu; é do Porto. Sim senhor; à nubente de Lisboa, digo que se receberam as suas coisas de solteira. Mais 100\$00 de Lisboa para os pobres do Barredo. Mais 40\$00. Mais 100\$00 do primeiro abono de família do Zé Gonçalo. Mais 200\$00 de Leiria de um vosso irmão no sacerdócio. Mais do Porto morcelas de Arouca. Mais da Beira, Africa, 100\$00 para os Batatas. Mais do Porto 200\$00 de uma firma Comercial que nos deu de uma vez 3 tons de batatas. Mais um defensor officioso e um modesto funcionário com 100\$00 cada. Mais uma tarifa de tamancos. Sim; recebemos roupas da amiguinha dos Gaiatos, e que roupas! Também recebemos uma tarifa de roupas da senhora que vão fazer muito jeito nos Barredos.

Agora o que nós precisamos é de fatos usados; isso é que a gente quer.

E mais nada.

Ainda não adquiriu o «ISTO E» A CASA DO GAIATO?»

Então envie um simples postal e o livro ser-lhe-á remetido pelo correio.

Pedidos à Editora
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
Paço de Sousa

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

Sendo costume pedir colaboração de circunstância quando das festas de um aniversário, achei mais acertada dar à estampa cartas que ora e logo nos mandam. Algumas são velhas. Outras de hoje. Nenhuma estudada.

Devorei agora mesmo o Famoso que é pena ser tão pequenino no tamanho e só vir de 15 em 15 dias. Bem sei que ele chega para meditar este espaço, mas que bom se viesse mais vezes.

Ao menos esqueçamos a vida e viviamos mais perto de Cristo.

Eu já estive em Paço de Sousa e qualquer dia torno. Queria passar aí um pedaço e gostava muito de ir ver os vossos pobres. Também sou das Conferências mas queria fazer mais — um destes dias quero ir ao Barrredo, eu não sei onde é, mas aprendo.

Já arranjei uns cestos de roupas para poder entrar na vida deles — o pouco bem que faço e aquele que quero fazer devo-o em parte à nossa Obra.

Até a conhecer vivia, ia à missa, esta era sem ardor. Hoje quero fazer qualquer coisa, queria fazer muito pelos meus irmãos menos afortunados.

Deixe-me dizer-lhe que o pouco que tenho ganho-o com o meu suor. Estou a acabar o meu curso e já trabalho — tudo me serve — explicações, trabalhos de todo o género, não tendo mãos a medir, graças a Deus.

É um estudante da Faculdade de Engenharia do Porto.

Viver mais perto de Cristo. Eis.

Vem a dizer nos jornais que em um cortejo de oferendas para uma igreja, ia à frente um cavalheiro de barbas a fazer de Nosso Senhor Jesus Cristo. Logo atrás d'esta figura, como diz o mesmo diário, ia um rancho de meninas a cantar e um vistoso rancho regional de rapazes e raparigas. E à chegada à igreja uma menina fez um discurso e tudo o mais que lá vem a dizer.

Por estas e outras é que este Rapaz ia à missa sem ardor e hoje quer fazer alguma coisa.

Não imagina como eu estou ansioso por que chegue, todas as quinzenas, "O Gaiato" aqui a casa, e como eu deixo tudo para o ir ler, logo que o carteiro mo entrega.

Quando ao domingo encontro os seus rapazes a venderem-no, tenho tentações de o comprar, para não esperar mais um dia, e às vezes dois, pela entrega do correio!

Satisfaça-me inteiramente, comove-me imenso a sua leitura. Algumas vezes rio de contente com certos ditos e passagens engraçadas, mas a maior parte das vezes, se não todas, tenho de limpar os olhos uma e muitas vezes para poder continuar a lê-lo até final.

Que bem que me faz à alma este jornalzinho, tão pequeno, tão

simples, sem preocupações de literatice, e que é escrito em parte pelos pobres garotos, que há pouco só conheciam fome, trevas, miséria, ignorância e desamor!...

Que milagre de ternura e de caridade cristã o que conseguiu tamanha transformação, física, material, moral e espiritual, nesses pobres deserdados da família e do Mundo! Como eu admiro, e compreendo à luz da nossa Fé, a abnegação e inteira doação de vós próprios, oh heróis e sacrificados Padres da Rua!

Só uma inspiração e uma atracção divinas podiam levar-vos a tanto!

Benditos sejais aqui na Terra, que tanto bem espalhais, e depois no Céu, por todo o sempre!

Imediatamente a seguir a este hino, e por moldura, vão estas palavras:

Journal 19 de Dezembro de 1950

Alguns dias esta pessoa para quem esta carta foi enviada está longe e não se pode escrever para ela. Mas a carta vai para a Rua de S. João nº 73. Vai muito mal e não se pode escrever para ela e ler os outros jornais.

Mãos em sangue!

Quero em primeiro lugar pedir imensa desculpa por só hoje enviar a importância correspondente, mas estou certa que, depois de explicar a demora, serei perdoada. É que estes livros eram destinados a funcionários dos correios (Encomendas Postais) que se vêm obrigados a respeitar rigorosamente os orçamentos de forma que tivemos de esperar por hoje, dia em que recebemos o vencimento.

Sei que têm recebido cartas explosivas de entusiasmo e nós queríamos que esta fosse a mais entusiástica de todas, se soubessemos descobrir palavras suficientemente expressivas para dizer o que sentimos quando temos na nossa mão o livro que tanto ansiávamos. E para provar conto-lhe que estão todos lidos e relidos; e que, como no fim da última página foi escrito "Fim do 1.º volume" perguntamos quando virá o segundo? Cabe ao Gaiato responder e fazer-nos a vontade.

Creiam que nós embora muito longe, estamos sempre perto porque temos os "Gaiatos" no coração.

Vamos pedir a Jesus que lhes continue a dispensar abundantes graças.

São estes que têm de respeitar rigorosamente os seus orçamentos, que não sabem dizer o que

sentem, de tão profundamente sentir!

Sou um grande admirador da sua admirável Obra e é sempre com enternecido encanto que leio o simpático "Gaiato" que é, afinal, o meu evangelho, a minha bíblia.

Pelas razões apresentadas e porque o julgo capaz de me atender, é que lhe venho pedir que um dia, quando tiver um bocadinho de tempo e paciência para isso, explique no "Famoso" porque é que um Deus infinitamente poderoso, justo e bom, como diz a doutrina Cristã, permite que haja no Mundo tanta injustiça, tanto sofrimento e tanta miséria entre as pessoas inocentes.

Tenho apresentado estas minhas dúvidas a diversos Padres mas ainda não houve nenhum que me desse uma explicação satisfatória e, por isso, eu continuo sem poder acreditar completamente, como desejava, na mais bela religião do mundo, dentro de cujos princípios fui criado e educado.

Sei que há muita gente na minha situação e por isso o "Gaiato" prestaria um grande serviço a alguns dos seus leitores se um dia pudesse esclarecê-los sobre as citadas contradições.

Como esta página é de cartas, aqui vai um pequenino trecho de uma. Ela confirma a incógnita: Não imagina como é doloroso amar a Deus, ter sede e fome d'Ele e não o compreender totalmente, isto é, a nossa inteligência não conseguir aderir totalmente à filosofia cristã. Chego a não saber o que sou nem onde estou.

Não pergunte. Não analise. Ninguém sabe.

Entre nós há um abismo que ninguém pode atravessar, ensina o Mestre, na parábola de Lázaro.

Mas o meu amigo pode por à prova a sua fé dolorosa e dizer aos seus que façam na mesma. Como? Trabalhar dia a dia por não ser a causa directa e voluntária de injustiças e de sofrimentos e de misérias dos nossos irmãos.

Que mal empregadas são as fabulosas fortunas que as Nações estão a gastar em material de guerra para cometer o crime de nos matarmos uns aos outros. Se em vez de gastarem o dinheiro em coisas que só servem para lançar a miséria o aplicassem numa conscienciosa e honesta Obra Social que proporcionasse uma vida sã, higiénica e espiritualmente mais confiante na mocidade e mais segura na velhice, seria uma nova estrela que iluminaria no Mundo o caminho para uma vida melhor e mais socegada.

Comunismo, palavra que trás perturbados milhões de seres humanos deixaria de assustar, porque estou convencido que são comunis-

tas na sua maior parte, aqueles que têm uma vida de privações e de necessidades.

O chamado comunismo não vem do Oriente; ele está cá dentro das portas e provem—da nossa traição; ela, a traição, é justamente a arma que oferecemos aos chamados nossos inimigos. No dia em que cada cristão procurar muito a sério realizar na sua, a vida total de Jesus Cristo, desaparece o medo, pela presença lógica do comunismo cristão. Ora aqui tem.

Acabo de receber o livro «ISTO É A CASA DO GAIATO» que já esperava com ansiedade. Não sei como classificá-lo. Tenho andado à procura de adjetivos e não sou capaz de encontrar o apropriado.

Por isso fico por aqui.

Não deixe de escrever. Tenho impressão que já tem continuadores suficientes para a administração. Deixe-lhe portanto essa pasta e escreva. As obras católicas em Portugal, pouco ou quase nada são conhecidas e daí a sua quase inutilidade.

Quem quiser saber se assim é, passe pela Biblioteca da nossa melhor Universidade. Os livros católicos não interessam. É só ver a estatística.

Ora, se as suas obras são sofredamente devoradas, aproveite a oportunidade e escreva. Não se importe da crítica dos escandalizados.

Eles acabarão por retroceder. Escreva. Eu conheço, por questão de profissão, quanta falta faz, às gentes do nosso tempo, o conhecimento do EVANGELHO, mas do Evangelho praticado.

Perdoe estas pobres linhas, e creia-me a pedir ao Nosso Bom Deus que lhe dê muita vida para que brevemente possamos viver num mundo melhor.

Não é para fazer a vontade a este nem a nenhum outro; é que tenho de negociar com os talentos que Deus me deu. É só por isso e por mais nada que eu escrevo.

Já por mais do que uma vez fui até essa «aldeia» no intuito de lhe falar. Mas nunca se encontra. Ninguém sabe dizer, ao certo, onde está. «Está pra mata. Está pra fora. Está praqui. Está prácolá». Compreendi. Compreendo. Sim, tinha que fazer se se dispusesse a atender toda a gente. Não insisto. Puz de parte essa ideia. Por isso escrevo. Não tenho outra solução. Gostaria mais de falar, é certo. Trocam-se ideias, soluções, argumentos. E daí, às vezes, nasce a luz, aparece remédio para certos males, a solução para certos problemas, também podia calar-me e deixar «correr o marfim». Não me falta nada, felizmente. Estou bem instalado na vida. Mas... por que me aflige a desgraça dos outros? Não é por medo do inferno ou do Purgatório, porque não creio na sua existência. (Sob o ponto religioso sou absolutamente agnóstico). Também não é para alcançar o Céu pois é coisa que também não existe. Mas... seja lá pelo que for,—fraternidade, solidariedade, etc.—a

(Continua nas páginas interiores)

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

CONCLUSÃO DA 5.^a PÁGINA

verdade é que, se estivesse na minha mão, a maior satisfação de toda a minha vida seria fazer a humanidade feliz. Mas não está. Nem na minha nem na de ninguém. Menos infeliz sim, podia e devia ser, se todos nos juntassemos para esse grandioso empreendimento—o maior de todos a que alguém se pode dedicar neste mundo. E, no entanto, são bem poucos aqueles que se dedicam a debelar a fome, a desgraça, a miséria, que vão por esse mundo. Quase ninguém se importa. Nem as Câmaras, nem os governos, nem as religiões, nem os regimens. A própria igreja católica que faz? Intrava. E porque é que a igreja católica intrava? Porque sendo, como é, uma grande força, nada ou pouco faz para a solução de tão magno problema. Antes pelo contrário. Abandona ao ostracismo, como réprobos, todas as crianças que não sejam filhas do matrimónio. Elas, coitadas, que não têm culpa nenhuma! Condena que se evitem os filhos quando todo o mundo sabe que há bocas de mais para o que a terra produz! A igreja só se revolta contra aquilo ou aqueles que a possam prejudicar ou atingir no seu erário. Contra os governos que promulgam leis injustas não se insurge como devia, dado o seu carácter moral. No nosso desgraçado país, e em muitos outros, a lei estabelece graves penalidades contra o desfloramento de menores. Está bem. Está muito bem. O que não está bem é que o fruto desses amores ilícitos, a criança, portanto, que nenhuma culpa teve das asneiras dos pais, seja abandonada à sua própria sorte. E no entanto, para ela é que devia haver a máxima protecção. Na Rússia amaldiçoada, a preocupação da lei é defender a criança, e trata-se logo de investigar quem é o pai, para que tome as responsabilidades que lhe compete. Se mais do que um homem tiveram relações com a mãe, todos ficam responsáveis até que se averigüe qual é o verdadeiro pai. Parece que, felizmente, a ciência já descobriu maneira de desfazer todas as dúvidas a tal respeito. Mas não precisamos de ir à Rússia execrada copiar tais doutrinas. Já há muito que estão em prática cá na Europa,—na Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Suíça, países estes que estão considerados por toda a gente culta, como os mais civilizados e felizes do Mundo. Como V. sabe muito bem, em tais países não há alfabetos ou pobres de pedir; todos têm casa e meios suficientes para viver, socorros garantidos, médicos, remédios, hospitalização, etc., etc.. No que V. decerto ainda não reparou, é que a religião oficial e predominante nesses referidos países é a protestante. Decerto haverá quem diga que se trata apenas de mera coincidência. Pois eu entendo, como toda a gente sincera, que é precisamente devido a essa circunstância que esses povos atingiram a verdadeira e autentica civilização e a maior felicidade possível sobre a terra. Mas... V. sabe tudo isto tão bem ou melhor do que eu. Nem a minha pretensão foi dar-lhe qualquer novidade. Apenas desabafar e apelar para a valiosa influencia de que disfruta com inteira razão a fim de se conseguir a modificação das leis no nosso desgraçado país. As palavras de V. já calam fundo no espírito dos governos. Toda a gente diz que V. arranja tudo quanto quer. Portanto...

Esta é de um homem sincero. A sinceridade merece a luz do dia. Vamos a comentar.

PRIMEIRO PONTO: Quanto a não acreditar na Vida Eterna, não está totalmente na sua, nem na mão de ninguém. A fé é um dom gratuito. Mas vai por muito bom caminho; e acautele-se, pois pode ser que lá chegue, mais breve do que julga...! Porquê? Porque se aflige com a desgraça dos outros. Eis.

SEGUNDO PONTO: Os Regimens fazem. Estão fazendo. O que é, como estava tudo por fazer, parece-nos que o trabalho não luz.

TERCEIRO PONTO: A Igreja Católica. Oh mar de confusão! Leia as Encíclicas dos Papas sobre doutrina social, e isto responde ao seu nada ou pouco faz para solução do magno problema. Qualquer livraria as tem; senão, diga, que eu trato de as arranjar.

QUARTO PONTO: Os chamados filhos ilegítimos, são da Igreja. As Rodas foram criadas e mantidas por Ela. Os expostos, eram sujeitos dos sacramentos. Digo eram, porque hoje não há Rodas, mas sim obras idênticas, e as coisas portam-se da mesma sorte. A Obra da Rua é da Igreja e eu também.

QUINTO PONTO: Condena que se evitem os filhos, não; quem os evita é que se condena! Quem o diz? O tino, a consciencia, o Decálogo. As pedras da rua, os mares e as montanhas, o vento e as nuvens, os Irracionais!—Deus e a Natureza.

SEXTO PONTO: Bocas a mais, não. É absolutamente impossível haver erro ou engano nas contas que Deus faz. Então quê? Não há quem se junte para se dedicar ao maior empreendimento do mundo; debelar a fome, a desgraça a miséria. Veja que esta doutrina é sua. Cautélinha!

Deixe vir. Deixe nascer. Não conte as bocas; conte, sim, com o eficacia da Palavra Eterna—multiplicai-vos e enchei a terra. Quanto mundo por encher! Quanto por explorar! Que de riquezas no seio da terra e nos abismos do oceano! E a maior de todas, meu caro amigo, está no Coração dos homens. Não façam eles do seu, terreno de um só... Que o abram e verá que não há bocas a mais!

SETIMO PONTO: A Igreja ensina e não pode ir mais longe. Ela não teria chegado até aqui, nem seria a força que é, se em algum tempo ou circunstancias da sua história, houvesse preferido o erário à Moral.

OITAVO PONTO: Gosto do que me diz da Execrada, sómente, tenho medo que ela diga e não faça; ela fecha as portas e não deixa ir lá ninguém...

NONO PONTO: Gosto mais do que me diz da Europa. D'aqueles países onde se pode entrar e sair livremente. E os seus naturais, no nosso, fazem na mesma. Ainda há bem pouco tempo, esteve aqui um grupo de Noruegueses, em visita. Eram indivíduos da Assistencia da

sua terra, por isso se interessavam. Foi uma tarde deliciosa. Um dos membros da comissão, era uma senhora católica; os outros protestantes.

Os senhores da Comissão quiseram ver tudo e observavam. Eu andava; não mandei cicerones, por cortesia. E quer o meu amigo saber uma coisa? Disseram-me que como isto, não tinham na Noruega. Admirei o poder de sinceridade daqueles senhores; a sua humildade! E convidaram-me; que fosse e que arranjavam passagem e mais e mais e mais.

Isto chama-se entendimento internacional. Com estas cartas na mesa, pode-se fazer jogo franco. Cada uma tem o seu valor e com elas se ganha ou se perde. Não assim do outro lado...

DECIMO PONTO: Não me parece que seja sómente o factor religião, a causa do aprumo e leis sociais que reinam naqueles países. Digo assim porquanto, sendo países oficialmente protestantes, o certo é que existem, também, milhões de católicos do mesmo sangue e responsáveis pela boa organização social. Então quê? Devemos ir à educação.

E temos o nosso desabafo terminado, não digo com honra para ambas as partes, porque nós, afinal, somos um só, menos no v. *arranja tudo quanto quer*. Gostaria, sim, mas não é assim. Eles estão lá...

A vossa obra faz-me bem, o vosso conceito de vida faz-me entrever uma recta nos caminhos tortuosos da vida.

Bendigo-vos porque falais leal e desassombadamente e pelo bem moral e material que fazeis aos pequeninos e às almas dispersas. Desde que comprei o primeiro «Gaiato» tenho seguido a obra, entristecida e alegrada nas suas horas de tristeza e alegria. Sou orfã vivendo com minha madrastra, tenho momentos de desanimo na minha vida muito balanceada. Isto é uma justificação pela certeza da soma que junto envio e que gostaria aumentar se o meu orçamento fosse mais largo. Eu sinto as dores dos pobres, e ao bendizer tão linda obra sinto a singularidade da bondade desinteressada. Escreva sempre Padre Américo! Gostaria que dissesse algo sobre o Divórcio, as leis andam tão transviadas e as almas tão alacadas que já cheguei a re-crear a prisão eterna do casamento.

Eu gostaria de fazer doutrina para tranquilizar esta nossa leitora e f-la-ia se o Mestre não tivesse dito tudo acerca do casamento. Depois d'Ele, muitos mestricos têm dito, mas nenhum acerta. Não pode acertar.

Não tenha medo. Faça um vínculo das duas vontades. Cinja-se. Já não é só um contrato; é também um sacramento. Ora aqui é que vem a doutrina; a doutrina da Graça; da Graça de estado. Mas isso não é para aqui.

Continue com a sua dor pelos pobres. Ame a vida que custa, e depois me dirá da Belesa que nela encontra.

NOTÍCIAS DA CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

Os alicerces seguros da nossa obra

EUDE-SE de fomentar na alma do rapaz o amor aos Pobres, como complemento necessário da sua educação religiosa; para tal, sejam distribuídas, por mão deles, parte das esmolas que os fies nos dão; como já contece nas casas existentes, noutras que porventura se venham a erguer, dê-se ao rapaz a iniciativa total desta santa e doce tarefa, por amor de Deus; estão aqui os alicerces seguros duma obra cristã.

Eis os alicerces da nossa Obra. Não são de pedra nem de cal; são assentes no que há de melhor no homem: o Amor. Estão escritos no FUNDAMENTO DA OBRA DA RUA E DO TEOR DOS SEUS OBREIROS e há muito que andava tentado para transcrever. Foi hoje, vindo a propósito, porque esta é a coluna dos Pobres.

E' mais luz; mais doutrina; mais caminho novo. Quão cristãs não são estas palavras das constituições íntimas da nossa Obra! Onde, numa casa de rapazes do género, houve o cuidado de fomentar na sua alma o amor aos Pobres? Está tudo errado. Os alicerces duma boa e sã educação, estão aqui; outra pedagogia é imperfeita.

O extraordinário e inédito—que se afigura ao mundo, porque pelo menos no nosso país não existe semelhante—é sermos nós, farrapos ontem, a escumalha ontem, a percorreremos os arraiais donde viemos. *Faze aos outros o que fizeram a ti;* é assim mesmo.

Mais, ...para tal, sejam distribuídas, por mão deles, parte das esmolas que os fies nos dão. Se estivessemos debaixo de verbas orçamentais, jamais poderia florescer condignamente, no coração da Casa do Gaiato, esta santa e doce tarefa.

Somos rapazes; uma vida em completo turbilhão; um todo a formar-se e apetrechar-se. Na convivência com os nossos irmãos Pobres, fortalecemo-nos, amando. Jamais esqueceremos quem fomos: escumalha dos caminhos... Esta doutrina sobrenatural, que praticamos, revoluciona as almas que ainda não descobriram totalmente, um tesoiro incomensurável: o Amor.

Ainda há pouco, alguém comentou acertadamente: *uma obra pobre, [a dar aos pobres]!*... Isto não tem comentários. E' um coração abrasado a falar; um que sente as misérias do alheio.

J. M.

ISTO É A CASA DO GAIATO

CONCLUSÃO DA 8.ª PÁGINA

Trabalhar. Seria ela mais feliz, menos penoso o degredo do seu homem. Mas não. Não quer ser mãe e troca pelos seus filhos um carteirista das feiras! Tanto pode o Vício! Como eu tenho pena desta gente; e como é difícil aproximar-nos! E' preciso amar-se muito, ter um coração universal e uma compreensão quasi infinita. Só o Filho do Homem, por ser Deus, pode amar assim.

Eu conheço uma mulher que vende fruta no Porto, ora aqui ora ali. E' natural do Douro. E' de meia idade e formosa. Mostra na face um martírio sereno; anda de luto. Tem o marido na cadeia e deslocou-se da sua terra natal, para o ajudar a cumprir. *Todos os dias passo à Relação e olho prás janelas.* Ganha a vida honestamente. Tem dois filhos a trabalhar. Aqui está. Não é a vida dura. Não são os revezes. E' a ausência do decálogo mai-lo aguilhão da Carne. Eis.

Soube agora por um senhor que desejou dar o seu nome por assinante, a um vendedor, e este não aceitou! Não quis e aconselhou o dito senhor a que se não faça assinante do jornal!! A primeira vista, parece falta de zelo pela causa, mas sabidas as coisas, não. Este e outros vendedores da praça do Porto, querem ter muitos fregueses: *não assine, que eu venho cá trazer todas as quinzenas.* E' impossível descrever o entusiasmo crescente e sempre renovado; as discussões; os calores; a iniciativa. Na ida e no regresso, são dez deles em falas e em gestos, todos ao mesmo tempo, a narrar. E eu a ouvir.

Uma vez que falamos em zelo e interesses, as coisas, entre os mais crescidos, também não gozam de calma. Não gozam, não senhor. Tudo quer puxar a brasa para a sua sardinha. Exemplo. Na nova Casa de S. João da Madeira, aonde Carlos Inácio dá contas, dinheiro que ele *acace*, escritura, sim, mas não me dá nada: *é pra cá.* Na casa do Porto, aonde Carlos Rebelo é rei, temos precisamente o mesmo estado de coisas. Ali, como as receitas são maiores, o rapaz delira quando tem ocasião de depositar no Banco alguns acréscimos; *olhe este talão.* Mas dinheiro, não me dá.

Nos escritórios da Tipografia, em Paço de Sousa, até já houve murros! Quem havia de dizer? Foi o Avelino mai-lo *Piolho!* O Avelino. O Manso. O Pacífico, arrumou o *Piolho!*

Ali há contas do jornal. Há contas da tipografia; e agora há a conta especial do livro. Sucede que, às vezes, um senhor envia 100\$00 para o jornal e para o livro. Avelino credita 20\$00 na conta do livro e o resto na do jornal. Mas *Piolho*, não. O Fernando Marques não quer assim; quer metade por metade.

—Escreve 50\$ no livro.

—Não escrevo; tens lá 20\$ que é o preço.

Palavra puxa palavra e o resto... aconteceu, mas não torna. Não torna que o Avelino venceu, sim, mas adoeceu, tal o choque!

Como ninguém tenha aparecido a dar pormenores do Zé Ma-

ria,—aquele que se não lembrava de ter comido comida de lume, resolvi mandá-lo ontem à terra de onde veio, procurar a sua mãe. O rapaz calçou-se, veste a roupa de domingo e com 50\$00 na algibeira, parte em demanda. No dia seguinte regressava, sem documentos. Disseram-lhe que a mãe tinha abalado para Trás-os-Montes, *onde o pão é de centeio*, acrescenta o desconhecido. *Dantes andava por lá*, continuou.

De forma que hoje, tudo quanto sabemos dele, é que se chama Zé Maria. E continuaremos nesta ignorância, até que eu tenha lugar de pôr o *Morris* nas rodas e ir por esse mundo fora. *A minha mãe fugiu.* Esta declaração recente, do Zé Maria, é coisa de toda a hora em nossas casas. Eu não apedrejo. Eu encosto-me à graça elegante, sempre com muito medo de também fugir; os nossos telhados são todos de vidro!

O Zé Maria já venceu o grande inimigo que encontrou na nossa aldeia, no próprio dia em que chegou: o trabalho. Zé Maria é hoje um trabalhador de linha. Ontem foi o dia em que ele chamava os bois amarelos, ao carro, avenida acima. Nós também temos uns pintos. Ora são uns ora são outros. Zé Maria larga a sogá e vem ao pé de mim: *estes é que são mansos; mais que os pintos.* E vai e abraça-se ao pescoço dos bois e torna-se a abraçar: *estes é que são.* Como não abraçaria ele sua mãe se, em vez de fugir, ela o amasse,—como?!

O carro segue avenida acima, com Zé Maria à sogá. Os bois amarelos, são como ele diz. Eu rumino o que há pouco li, de uma poesia popular sobre o Nascimento de Cristo e suas testemunhas: «Os homens degeneraram».

«Inda são mansos os bois».

Que belesal! Quem não for buscar ao povo, não é poeta.

Sou o assinante n.º 9566, aluno do Colégio Militar, grande apreciador do jornal e da obra do gaiato, e tendo lido no último jornal que o Manel Risonho anda desconsolado por não ter um livro de apontamentos, e uma lapiseira, junto envio esses objectos, com 40\$00 para a tipografia. Envio também umas lapiseiras, que embora um pouco estragadas talvez façam jeito para alguns gaiatos. Desculpem não ser tudo bom, mas as minhas posses não permitem mais.

Os senhores vejam aonde foi ter a notícia do Manel Risonho; o Colégio Militar! Também por lá anda o nosso jornal!! Deu aqui muito que falar o presente das quatro lapiseiras. Um deles, ao saber do Avelino o que vinha na caixa, foi ter imediatamente com o Risonho, a quem pediu uma delas. Risonho que é o encarregado de fechar a porta da avenida, às 9 da noite, por não ser medroso, —Risonho, digo, ao saber da prenda e sem saber como havia de vir até mim, arranja pretexto de que a tranca não desanda bem, e, ao dar este recado, deixa-se ficar por um tempo, sem nada dizer... Vejam os senhores como as coisas por cá se passam! Como será no Colégio Militar?

Ontem fui por aí abaixo ver a saúde dos nossos do Lar do Porto e S. João da Madeira, que tinha medo de ser perigosa, a julgar pelos de Paço de Sousa; tempo de gripes... No Porto, havia três no leito e outros tantos em S. João. Mas ali foi mais sério. Era o Rui Seixas. Estava no hospital com altas doses de medicamentos, cuidado das enfermeiras e presença do Doutor. Este senhor foi admirável; disse-me a enfermeira que ele por algumas vezes veio do Porto ali, propositadamente!

Que importa que meio mundo ande de pistóla atrás, se há um homem que sabe amar; um que seja e basta! Mas ele há muito mais. O *Gaiato* dá notícias deles. Os melhores remédios, as melhores camas, as melhores dietas —tudo no superlativo. E dos Médicos, não se fala.

O Rui, quer a presença da governante do Lar e esta, guia o serviço em casa, e vai. *A minha mãe fugiu-me*, disse ele quando aqui veio ter! E' um rapaz silencioso. Se o seu mal subiu tão alto, foi que ele não falou.

Ele quer a governante ao pé de si. Quer a visita frequente dos seus companheiros. E a mim, ao despedir-me, disse-me: *quando puder torne.* E ninguém supre quem ele quer... Esta fome de presença no coração do rapaz, é mesmo uma saudade da mãe que lhe fugiu!

Eu havia de agradecer aos Médicos e às Gerências e a todos; havia, sim. Mas que é da palavra? O silencio é tudo quanto lhes posso dar. Para mim, peço a Deus que me deixe ir até à derradeira gota, em serviço dos Inocentes, para que o Mundo os conheça, os ame e se torne melhor.

Hoje fiquei de cama. Era frio; muito frio. O primeiro que apareceu foi o Abel a saber se eu ia dizer missa; ele estava de semana ao altar. Que não. A seguir, vem o café. Eram o Necas o Bernardino e o João. Este nasceu em Espanha, de uma espanhola que já não é. E' vivo e alegre como as castanholas. O Necas, achei-o numa ilha de S. Victor. Não fala que não sorria. Olhos fundos e tristes, parece ter pena de ser orfão de País! E' o meu creado do quarto. Bernardino, é o meu creado de mesa. Com estes dias de chuva arranjou não sei aonde umas botas até aos joelhos; põe avental, bico da fralda à vista e eis um servente de mesa como ninguém se gaba de ter. Depois destes; veio o chefe a cheirar a limalha; ele é o az do torno. Aceita e executa trabalho para fóra, mas engana-se nos orçamentos... Já assim aconteceu com o António Carpinteiro, que perdeu na sua primeira empreitada. Perdeu, não; eu é que perdi.

O cozinheiro, também quis saber da minha saúde. Lá fora, entre os rapazes, comentava-se e o *Moléstia*, disse que se calhar, era mas era ronha! Assim como ele *fas*...

Por último, entram Avelino e Júlio, seguidos do *Bobi*.

Bobi, hoje está salvo, mas esteve quasi morto! Foi o caso que todos lhe pegavam; de manhã à noite, todos os dias, eram 180 rapazes

com ele ó colo. *Bobi* não podia mais, e morreria, se não fosse eu ter feito um tribunal assanhado: *d'hoje pró futuro, nem com os olhos se toca mais no cão.* Salvei-lhe a vida! *Bobi* medrou, espelha, é feliz. De muitas dezenas de portas que temos nas casas da aldeia, só à do Avelino é que ele vai bater, à noite. Esgadonha, e Avelino abre. Entra e instala-se.

Depois da lapiseira do Colégio Militar, para o Risonho, já vieram outras da Figueira da Foz.

Ele quer tornar-se forte, mostrando aos mais os seus lindos presentes; quer. Mas o Abel esmagou-o. *Isto vale mais*, diz ele, enquanto arregaça a manga da camisa... E o Risonho desanda!

Não sei qual foi o vendedor que me trouxe de Braga um volume de *Português Suave*. Foi um senhor, disse o rapaz. Isto foi há meses e o volume encheria o ano, se não fossem os numerosos amigos que então me procuravam... Ardeul!

O Hélio, ao sair hoje da missa, veio ter comigo a dizer da sua bola; que ontem a levava para a capela e que a deixara sobre o harmónio e que a senhora lha acaçou e agora não a quer dar. O Hélio vinha zangado. Eu ouvi e disse que nada podia fazer. Os senhores leitores e visitantes é que podem fazer. Se eles quizerem, podem; é não dar nem mandar bolas. Ora aqui está.

O Fernando Marques, delibrou adoeecer. O quarto dele, é no andar fundeiro da casa dois. Uma vez instalado, escreve um bilhete ao chefe, o qual me veio ter às mãos. Era a lápis e dizia: *intercede para que me mandem comida especial.* Logo vi que a doença não era grave... Foi-lhe enviada comida especial. No dia seguinte, como os companheiros tivessem observado a doença na cara do Fernando Marques, ele não teve remédio senão levantar-se, e levantou-se.

Mas Fernando Marques que é o *Piolho*, tornou a adoeecer. Desta vez, instalou-se numa enfermaria do hospital, com a notícia de que tinha trinta e oito e meio. Fui visitá-lo. Vi-lhe a doença na cara. *Vê lá se te levantas*, disse. Ele é o da expedição do livro; faz falta no escritório.

Piolho olha para o meu semblante sem nada dizer. Das janelas da enfermaria, via as cristas dos montes cobertas de neve. *Piolho* tinha trazido da sua cama dois magníficos cobertores de lã muito fina e luzidia, que o abafavam até ao pescoço... *Olha os livros*, continuei.

Dix-me acabar o Remexido. Não compreendi. Não sabia quem era o *Remexido*, mas ele explica. E' um livro. *Piolho* estava muito interessado na sua leitura. Eu que dei. A neve no cimo dos montes. O quente dos cobertores. A comidinha especial. Se a sua Mãe ali estivesse, que faria? Pois eu fiz na mesma! *Piolho* acabou a leitura do *Remexido*. E' impossível que eu não tope quem me faça como eu faço. Dito de mim, dito de todos; o Evangelho é para todos.

Arlindo de Santo Tirso apaixonou uma tarefa do chefe por ter sido visto a fumar pontas.

o vosso
r uma
vida.
e de-
coral e
os e às
nprei o
a obra,
s horas
ivendo
mentos
ato pela
o e que
mento
res dos
ra sin-
erissa-
mérico!
Divór-
as e as
ei a re-

utrina
leito-
tives-
mento.
tricos
certa.

m vín-
nja-se.
é tam-
aqui é
utrina
stado.

pelos
sta, e
ue ne-

DEIA

edito—
porque
existe
rrapos
a per-
temos.
mati;

distri-
te das
ão. Se
bas or-
flore-
ção da
e doce

da em
odo a
a con-
os Po-
nando.
fomos:

Esta
prati-
s que
almen-
urável:

omen-
ra po-
to não
oração
ente as

J. M.

ISTO É A CASA DO GAIATO

HOJE de manhã, tornou o grupo dos vendedores ao meu quarto de dormir, antes da partida para o combóio. Eram 7 menos vinte, contadas no relógio do Abel, por ele mesmo: São sete menos vinte. Formaram em semi-círculo em roda da minha mesa, alguns, ainda, a mastigar as sopas de leite. Abel vinha pelo dinheiro do combóio, e os mais, que são ao todo dez, resolveram acompanhá-lo. Enquanto me entretinha a ver os dentes de cada um, não fossem estar por limpar, Hélio levanta a voz e faz uma reclamação. E' o Banco Atlântico. Ele ataca o Abel ali presente, por se ter apoderado daquela praça e fazer ali venda, *sem se importar com nós*. Ao pé do Hélio estava *Presidente*, que também se atirou. Declara que muito tempo antes da casa estar inaugurada e ainda em obras, ele, *Presidente*, costumava entrar lá dentro a ver como era, e que já tinha fígado uns senhores; *mas agora o Abel meteu-se*, disse. Abel estava no seu lugar, sem nada dizer. Perguntei se ele se defendia. O rapaz, sereno como até ali, declara que tinha na sua mão uma carta dos senhores do Banco, que lhe permitiam a entrada só a ele: *só a mim*.

Risonho, encontra-se a uma das pontas do semi-círculo. *Risonho* é o mais forte de todos, embora não seja o de mais anos. O Abel tem mais idade. *Risonho*, levanta a voz, levanta os braços, vem ao meio, encara o Abel e exclama: *Tu és mas é um grande armante. Tu és mas é um graxista. O Banco não é nada teu. Eu vou lá quantas vezes eu quiser; ora toma lá*. A seguir, *Risonho* faz pausa, deixa cair os braços e volta-se para mim com voz branda: *sabe o que ele quer é a camisola amarela. Ele é um grande vaidoso*.

Eu tinha tido uma noite calma. Estava-me preparando para descer à Capela. Não fazia conta com semelhante vendaval. Nem eles, os dez, nunca assim fizeram. Jamais os vi tão assanhados com o Abel; *tu és um armante, tu és um*

graxista. Tu queres tudo pra ti.

Foi então que eu considerei e dei no vinte. Não se tratava do Palácio do Atlântico, nem da venda do *Famoso* dentro dos seus muros. A casa já tinha sido há muito inaugurada. Abel e outros tinham ali vendido, como bons irmãos. O Palácio era o ramo, mas o vinho vendia-se noutra parte. O relógio! Enquanto todos estavam de sobretudo, Abel não o quis... Abel envergava uma formosa blusa com seu bolso à esquerda e dentro a caneta e a lapiseira, com letras d'oiro. Eu vi. Mais. Abel tinha puxado a correia do relógio um nadinha à frente, e este espelhava... Ora aqui está.

Eu acho natural. E' dos livros. Os irmãos de José do Egipto quiseram botá-lo a um poço, só porque ele, José, tinha tido um sonho...! E o Abel não sonhou. Abel tinha ali um relógio. Era uma realidade.

Depois disto, às noites, tenho feito tribunais sobre a inveja. *Nunca o invejoso medrou nem quem ao pé dele morou*.

Alguém que foi à Espanha fazer um fim de semana lembrou-se de alguns dos nossos, com prendas. Ao *Xanxaxé*, coube um impremiável cor de laranja e transparente. Dentro, vinha a dizer que era para ele usar, quando vai levar o leite à sua Pobre.

Chamei o festejado e entreguei. O rapaz mede com a vista, apalpa com sorriso, delira de contente. *Que pena; hoje chovia tanto quando fui levar o leite*. E retira-se na doce esperança de mais dias de chuva. Mas não; ela não vinha! Chegou o domingo e *Xanxaxé* não teve mais paciência; foi à missa de gabardine. Ele é da obrigação do asseio das avenidas. Tem ferramenta própria e ocupa todo o tempo que lhe sobra da escola. Passo e vejo-o. Ao pé, sobre qualquer arbusto, está a gabardine. Quando muda de lugar, muda igualmente a gabardine, para que nunca a perca de vista. Ele lá sabe...

Hoje foi um daqueles dias de frio, de que falam os jornais. Entro na oficina de ferreiro e dou com um dos nossos mais pequeninos sentado na forja, enquanto *Painso* dá o fole. Estava contente e todo enfarruscado. Tinha os olhos fixos no crepitar do lume. Perguntei:

—Que é isto, *Painso*?

—E' frio!

Quedei por uns momentos a encher-me do fumo do carvão e da beleza do quadro!

Xanxaxé trás um olho negro... E' muito bem feito; que não seja tão refilão.

O Hélio é um rapaz promissor. E' sportinguista. Nos dias da venda, pede uma camisola verde, coloca o emblema na gola do casaco e vai para o Porto. No regresso conta-me que muitos senhores o repudiam sobretudo os *Portistas*, mas ele não se importa. Hélio é firme.

Vendi 310 e mais sou corrido muitas vezes pra fora dos cafés. Gosto do Hélio. E' de uma



Isto é a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em um dia de visita dos Desportistas. Eles estão no meio. Felizmente que a visita teve lugar num domingo; se fosse à semana, parava todo o serviço, como já tem acontecido!

só cara. Confessa o seu clube.

Quando aqui chegou, há uns anos, vinha tão desfigurado! Tão triste! Pois como não, se ele andava a pedir! Era um pedinte de *Sedielos*, que morava numa toca; e agora, todo ele é graça e luz.

Anda na escola e enche canelas ao tecelão; nós temos dois teares a trabalhar. Como os teares são automáticos e a caneleira também, já tem calhado encontrar os dois ocupados com o pião, enquanto as máquinas trabalham...! Uma obra como a nossa, tem de ser conduzida a brincar.

Nós temos quatro irmãos, cujo pai está entregue ao Governo e a mãe anda por lá. Como um deles tivesse feito anos, no dia, foi visto um homem e uma mulher entrar as nossas portas. Era dia de fazer. Todos estavam nas suas ocupações. Os estranhos, aproximam-se de um pequenino, perguntam pelos quatro irmãos, dirigem-se a eles e tomam o caminho da mata, sem mais cerimónias. Era a mãe e um qualquer. Daí a minutos, o festejado não podia andar, de bebado e os outros tinham, também, ingerido grandes porções de vinho. Esta é a gente com quem lidamos. Quando dei fé, tudo tinha acontecido e nada pude fazer, além de verificar. Chamei pelo *Sérgio*, que trouxesse um fueiro; o homem que acompanhava a mulher, era um moicano ainda novo, por isso em boa idade e ótimas condições, mas este andou mais depressa. Já ia longe quando o *Sérgio* chegou...

Conduzi os pequenos à enfermaria. Um deles fugiu. Dias depois, aparece, desfigurado. Manda um chamar à porta da avenida, para me dizer que a mãe o não deixa dormir em casa; e pede-me para ficar. Eu disse que naquela maré não e depois de 15 dias, sim; tendo marcado a data. O pequeno foi-se embora. Daí a pouco volta. Ainda não era o tempo, pelo que o não deixei entrar! Os irmãos estavam ao pé, sem nada dizer. O mais pequenito punha os olhos em mim, suplicantes, mas não abria a boca. O fugitivo foi-se embora. Terceira vez aparece. Ainda não era tempo. Explica que tinha corrido todas as terras por onde

dantes andava; que procurou uma sua avó, mas não deu com ela e que agora, o homem que está com sua mãe, bate-lhe, *ele não me quer ver e diz que me mata*. Estavam outra vez os irmãos. O mesmo ar de súplica do mais novo dos quatro. Faltavam três dias de martírio e isto mesmo disse ao fugitivo. *Daqui por três dias vens*. Subimos a avenida, e enquanto o fazíamos, eu disse ao de olhos suplicantes, que podia receber o seu irmão, se porventura ele aparecesse antes do tempo. Isto era à tarde. Ao anoitecer, o fugitivo aparece e ficou. Como veio ele tão depressa? Porque o irmão mais novo, mal escuta o meu aviso, deixa-me virar costas e vai no encalço de seu irmão; *anda que tenho ordens de te receber*. E foi ele que o recebeu.

Para quê tanta dureza para com um inocente? O aspecto, a história, os maus tratos, a fome; e eu digo que não! Para quê tanta dureza? Por causa deles, em primeiro lugar; dos quatro irmãos. Depois, por causa dos outros; os quais, tendo mães e sendo elas, em geral, d'esta natureza, eles possam aprender a lição e fugir-lhes. Tem de ser assim. A prática das coisas ensina. Ainda há bem poucos meses, tendo eu colocado no Porto um pequeno que ficara distinto e prometia, não tardou muito que a sua mãe o fosse tentar à porta do emprego, convidá-lo a roubar o patrão, e a ensinar-lhe como! E ele cumpriu. Mãe não. Não senhor; a mulher que o deu à luz. Sim. Não há campo mais ingrato nem mais meritório, do que este nosso vasto campo de acção!

Mas regressemos ao fio. Estes quatro irmãos são de matrimónio. São inteligentes. Um d'estes, está bem colocado e os outros hão-de seguir o mesmo caminho; creio bem que a lição do fugitivo lhes há-de aproveitar. Estes quatro, podiam fazer a felicidade da mãe, mesmo com o pai entregue ao Governo; podiam sim senhor. Como? Sabendo ela respeitar o seu marido na prisão. Pedir o auxílio monetário do Patronato das Prisões, que lho dava, sem dúvida. Trabalhar. Seria ela mais feliz,

(Continua nas páginas interiores)



Parece que está dentro de grades, mas não; é a rede da capoeira, aonde o pequenino foi levar de comer. Nós não temos grades; somos a porta aberta. N'outro dia, os nossos vizinhos de S. João da Madeira, admiraram-se em extremo, porque um dos rapazes não quis estar e foi-se embora. Foram ter com o chefe e perguntaram-lhe se eu sabia; se eu deixava; o que faria se eu lá estivesse e mais e mais e mais. O chefe acalmou; nós somos a porta aberta, disse.